

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ÍTALO SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO CINEMA NA PERSPECTIVA CRÍTICA DE
JOVENS ESCOLARES SOBRE A INCLUSÃO DO CORPO
DEFICIENTE.**

**SÃO CRISTÓVÃO
2019**

ÍTALO SILVA SANTOS

A INFLUÊNCIA DO CINEMA NA PERSPECTIVA CRÍTICA DE
JOVENS ESCOLARES SOBRE A INCLUSÃO DO CORPO
DEFICIENTE.

Monografia apresentada ao
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito parcial para obtenção de grau em
licenciatura no curso de Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Renato Izidoro
da Silva.

SÃO CRISTÓVÃO

2019

ÍTALO SILVA SANTOS

A INFLUÊNCIA DO CINEMA NA PERSPECTIVA CRÍTICA DE
JOVENS ESCOLARES SOBRE A INCLUSÃO DO CORPO
DEFICIENTE.

Monografia aprovada como requisito para obtenção do título de Licenciado em
Educação Física do Curso da Universidade Federal de Sergipe.



Orientador: Renato Izidoro da Silva (UFS)



Convidado: Fabio Zoboli (UFS)



Convidado: Wolney Nascimento Santos

São Cristóvão, 27/02/2019

AGRADECIMENTOS

Tudo começou quando tomei consciência de que o conhecimento era a porta de entrada para uma vida sem limites e cheia de esperança. Cresci numa família pobre, que sempre batalhou para conquistar seu pão de cada dia. Aos seis anos de idade eu acordava às cinco da manhã para acompanhar meus pais em mais uma labuta. Éramos comerciantes no mercado governador Albano Franco. Três anos mais tarde após uma crise familiar e financeira, saímos do mercado e fomos negociar no Bugio, onde moro a vinte e quatro anos. Lá, abrimos uma lanchonete e até hoje é desta que conseguimos nosso sustento.

Apesar de sempre ter uma vida batalhadora, nunca fui impedido de ser criança, nem tampouco de ser ser-humano, mesmo precisando de mim, meus pais nunca me impediram de estudar, ao contrário, eles me cobravam muito por boas notas, ótimo comportamento e respeito para com todos que fazem à escola. Sempre estudei em escola pública e nunca me foi motivo de vergonha. Portanto, nem eles e nem o mau caminho me desviaram do certo, nunca tive problemas quanto a isso e acredito que eles me moldaram e me fizeram ser uma pessoa que preza pelo certo e tenta sempre fazer o melhor em tudo que põe as mãos. Mas na vida nem tudo é maravilha, as vezes é preciso renunciar, dar um passo atrás para conquistar alguns na frente e isso pude experimentar assim que adentrei na UFS. No ano de 2012 nasce minha irmã, que logo nos primeiros meses descobrimos que era uma criança diagnosticada com paralisia cerebral.

Precisei trancar o curso para trabalhar e ajudar tanto nas despesas de casa como no cuidar de minha irmã. Ao retornar à UFS em 2015, após alguns meses, minha mãe foi diagnosticada com câncer de mama, esta sim, foi a maior porrada em minha vida. Esta doença mexeu muito com toda a família, modificou todos os nossos planos e mais uma vez tive que diminuir minhas atividades durante a graduação. Mas é de lutas que se vive a vida já dizia o Raul Seixas, e comigo sempre foi assim, as porradas da vida me ensinaram a ser forte, e jamais desistir, mas sim se preciso

recuar para saltar posteriormente. Diante disso, quero primeiramente agradecer a Deus por me proporcionar esse momento tão importante em minha vida. Acredito muito em sua palavra quando diz: Eu plantei, Apolônio regou, mas é Deus quem dá o conhecimento 1º coríntios 3:6. O conhecimento é uma dádiva que deve ser cultivada para o bem, pois de que adianta tanto conhecimento se não for para o bem? Portanto, este Deus ao qual eu venero devo-lhe eterna gratidão e por isso o tenho como ser base para minha vida. Agradeço também a minha família, principalmente aos meus pais e a minha esposa, que por muito, tiveram que entender que todas as vezes que me fiz ausente, que pouco socializei, que muito pouco tive paciência para com eles em grande parte durante esse período que estive cursando na UFS.

Por fim, agradeço aos professores da instituição e principalmente aos professores do DEF- departamento de educação física da UFS, por compartilharem seus conhecimentos conosco, por nos orientarmos, por entender também nossos problemas e jamais ter deixado de nos ouvir e até mesmo aconselhar, quero vos dizer que esses ensinamentos irei carregar como base para minha vida e me comprometerei sempre em fazer o mesmo com meus futuros alunos.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E PROBLEMÁTICA

Este projeto de pesquisa tem como tema central a influência do cinema na perspectiva crítica de jovens de ensino médio sobre o corpo deficiente e seus processos de inclusão social. Entendemos inclusão social como um conceito a ser construído, ou melhor, em construção. Isso se deve por que incluir pessoas (aqueles que historicamente foram esquecidos, excluídos) numa sociedade é um desafio constante e evolutivo, sempre visando uma autonomia (seja ela: financeira, cultural e educacional) e uma melhor qualidade de vida dos indivíduos.

Diante desses fatos, entendemos como conceito de inclusão social de acordo com Passerino e Montardo (2007, p. 5) Considera-se inclusão, portanto, o processo estabelecido dentro de uma sociedade mais ampla que busca satisfazer necessidades relacionadas com qualidade de vida, desenvolvimento humano, autonomia de renda e equidade de oportunidades e direitos para os indivíduos e grupos sociais que em alguma etapa da sua vida encontram-se em situação de desvantagem com relação a outros membros da sociedade.

Para tanto, perguntamos: podem os filmes que abordam temáticas de pessoas com deficiência contribuir no processo de uma consciência crítica junto a estudantes do ensino médio em relação aos preconceitos sociais sofridos pelo corpo deficiente? Tanto proposição quanto à pergunta centrais deste trabalho estão sustentadas na reflexão metodológica utilizada por Dantas Junior (2012) em seus estudos de cinema e educação. A exibição de filmes no contexto escolar deve abranger atividades que possibilitem diálogos interdisciplinares; pois, o cinema é extremamente dependente de disciplinas científicas, filosóficas e artísticas, não podendo, portanto, ligar-se isoladamente ao tempo escolar das disciplinas específicas. O cinema tem como marca a simultaneidade de conteúdos e ações; além da diferença da experiência cinematográfica na posição de espectador.

Visando uma metodologia de campo para a abordagem de nosso objeto, a presente monografia reflete sobre a influência da exibição de 02 (dois) filmes (longas metragens de ficção) que tratam da temática da inclusão junto a um grupo de

aproximadamente 50 estudantes de Ensino Médio matriculados no turno matutino na Escola Francisco Rosa Santos. Entre junho a dezembro de 2017 – as datas da apresentação/exibição dos filmes foram definidas de forma conjunta junto à direção da escola; conforme cronograma exposto abaixo na sessão de metodologia.

Para Dantas Júnior (2012, p. 71), a escolha dos filmes deve contemplar a articulação entre os componentes curriculares que dialogarão em cada sessão; ressaltar competências e habilidades que deverão ser adquiridas após a exibição e debates dos filmes, bem como ter clareza dos conceitos a serem trabalhados com os alunos e seu vínculo às unidades temáticas planejadas ao longo do ano; adequar-se à faixa etária e nível de escolaridade dos alunos, sobretudo quanto ao nível cultural dos mesmos no que tange ao cinema (DANTAS JUNIOR, 2012).

1.2 JUSTIFICATIVA

O Presente estudo se faz importante pois contribuirá cada vez mais para uma desmistificação social e preconceituosa que ficou impregnada simbolicamente pelos indivíduos principalmente em nossa sociedade. O presente projeto consiste em um prolongamento da extensão universitária intitulada “Corpo e cinema no ensino médio” realizado durante o ano 2014 junto ao Colégio Estadual Glorita Portugal, cidade de São Cristóvão. No ano de 2016 a extensão foi renovada, mas agora no contexto da Escola Francisco Rosa Santos, município de Aracaju; o que nos levou, nessa segunda versão, acrescentamos ao seu título o subtítulo “cena 02”. Ambas as cidades pertencem ao estado de Sergipe.

Considerando a pertinência de alguns temas relacionados à juventude escolar contemporânea, bem como às problemáticas e desafios que eles abrigam, traçamos uma pesquisa tendo como eixo o desenvolvimento de uma perspectiva crítica de jovens estudantes sobre os processos de inclusão social ligados ao corpo deficiente, estabelecendo como mote a experiência de espectador com obras cinematográficas brasileiras e internacionais. Dessa maneira, a finalidade desta monografia foi abordar os efeitos que o conteúdo e as formas das narrativas veiculadas nos filmes

puderam provocar nas perspectivas críticas de um grupo de estudantes de ensino médio participante do projeto.

Vale frisar que em torno do corpo, enquanto suporte de signos ligados a questões pertinentes à nossa vida social contemporânea, orbitam aspectos sobre o tema da diferença: o estigma; a deficiência; as relações de gênero; a sexualidade; os padrões de beleza; racismo, além de ser envolvido por temas mais gerais como política, cultura, ciência, tecnologia, natureza, economia e sociedade. De acordo com Barbosa e Cunha (2006), os estudos sobre o corpo podem nos levar a “[...] aprofundar e compreender o universo simbólico dessas representações exprimindo um sistema de atitudes pelos quais se definem grupos sociais se constrói identidades e se apreendem mentalidades” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 57).

1.3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa assume a forma de pesquisa de campo de caráter exploratória-descritiva. A pesquisa de campo segundo Fonseca (2002) caracteriza as investigações em que para além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se coletam dados juntos de pessoas, utilizando diversos tipos e pesquisas (*ex post-facto* : *pesquisa ação*, *pesquisa participante*). De fato, toda a pesquisa para ser concluída necessitou não somente de leitura, foi importante também ter saído da cadeira e ir buscar à informação junto à instituição que colaborou conosco para o desenvolvimento desta.

A pesquisa é exploratória-descritiva na medida em que se busca explicação para determinada análise e a partir disto, passa-se então a descreve-la. Essa busca, é claro, é sobre determinado tema que ainda necessita de esclarecimentos, de mais detalhes, de uma resposta concreta. Para isso podemos fazer uma análise a partir de uma determinada população, grupos ou qualquer outro fator que seja motivo de dúvida. É o que podemos chamar de levantamento de dados.

A pesquisa exploratória pode proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Quanto a descritiva, têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008).

A pesquisa de campo foi realizada junto a Escola Estadual secretário de estado Francisco Rosa Santos situada no bairro Bugio, na cidade de Aracaju/se. Para adentrarmos a escola e fazermos a pesquisa foi dada a escola um termo de esclarecimento de livre consentimento assinado pelo diretor da escola (Ver apêndice I pág. 40)

Foram projetados 2 filmes que tratam do tema inclusão junto a escola para alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Os filmes foram projetados durante o turno matutino: um em julho de 2017 e outro em setembro do mesmo ano.

FILME	FILMOGRAFIA	TEMA
Uma prova de amor	Filme. Direção de Nick Cassavetes. Gênero: Drama. Ano: 2009. 1 DVD (107 min.)	Corpo e deficiência.
Meu nome é Rádio	Filme. Direção de Michael Tollin. Gênero drama. Ano: 2003. DVD (109 min).	Corpo e deficiência.

Fonte: Elaborado pelo aluno Ítalo Silva Santos

As exhibições foram realizadas no auditório da escola que conta com aproximadamente 50 (cinquenta) lugares. Antes do início das sessões, distribuímos 50 (cinquenta) fichas de avaliação com perguntas relacionadas ao filme e ao tema da inclusão. As perguntas foram direcionadas tanto para conhecermos as opiniões sobre o uso do cinema como um recurso pedagógico na escola quanto para extrair pensamentos a respeito do tema central da pesquisa: o corpo deficiente e os processos de inclusão social. Após a exibição aplicamos o mesmo questionário com os mesmos estudantes a fim de comparar as novas repostas com as anteriores. A intenção foi identificar se o filme impactou o espectador em termos de uma realidade a qual ele não fazia ideia ou que para ele era contrária.

Em seguida abrir um debate coletivo a partir de roteiros elaborados no grupo de pesquisa. O roteiro não terá um caráter fechado, pois entendemos que os alunos do Ensino Médio serão os principais interlocutores conduzidos pela mediação do bolsista e participação de um dos professores no debate.

Mediante a aplicação de questionários buscamos identificar no discurso dos estudantes uma influência dos filmes sobre seu ponto de vista crítico acerca de temas sobre corpo deficiente. Nesse sentido, a abordagem adotada é de cunho qualitativo, pois se ateve aos significados que os estudantes atribuem às relações entre corpo e deficiência a partir dos filmes exibidos. Para a classificação quanto aos procedimentos, o presente trabalho prevê sua composição prática em dois tipos de pesquisa: a bibliográfica, ou preparativa; e estudo de campo, lugar em que vivem nossas fontes principais de informação: os estudantes.

No processo de coleta de dados optamos pela utilização de questionário escrito com perguntas voltadas a saber se após assistirem aos filmes os estudantes notaram alguma alteração em suas considerações sobre o corpo deficiente em um sentido crítico (Ver questionário no Apêndice II, pág.42). Para tanto oferecemos como única opção de resposta o texto dissertativo, não havendo, portanto, itens de múltipla escolha. O questionário foi aplicado antes do início e após o término das sessões de exibição fílmica. Essa estratégia foi utilizada como uma maneira básica e simples de tentar captar a influência dos filmes nos discursos dos estudantes sobre o corpo deficiente, mediante a percepção de variações ou mudanças em seus textos.

Participaram da pesquisa 50 alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa Santos. É importante salientar que a pesquisa foi feita apenas com alunos do terceiro ano do ensino médio, pois foi uma escolha da escola e nisso não pude interferir.

A análise de dados foi realizada a partir dos dados colhidos mediante aplicação de questionários. Os dados foram apresentados por meio de gráficos e tabelas. De acordo com Gil (1989 p. 16), a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação.

Os questionários foram passados antes do início da sessão fílmica e após o encerramento da sessão. Essa estratégia para colher os dados foi de extrema

eficácia, isso por que poderíamos extrair uma concepção crítica dos alunos sem a influência do filme- a intenção nesse momento não era saber o que eles acharam do filme, mas sim o que eles traziam consigo de conceito cultural sobre o que é ser um corpo deficiente.

, esse primeiro momento foi o mais importante, isso por que revela como nossos jovens (principalmente os advindos de comunidades mais carentes, de escolas públicas) pensam a respeito desse tema tão importante para a vida, para a convivência em sociedade. Esse primeiro contato foi a chave fundamental para se ter ideia geral do perfil daqueles estudantes. Atualmente o país vive uma crise social a respeito de grupos de pessoas consideradas como “minorias” e pessoas com deficiência fazem parte desses grupos. Não respeitamos nossas identidades, nossos semelhantes, não respeitamos a quem mais precisa, e como mudar isso? A resposta, talvez seja conscientizar desde a base educacional nossas crianças, nossos jovens. Por isso tal é o objetivo desta pesquisa, fazer-los sentir através do cinema o sentimento de empatia.

Recolhido os questionários passamos a exibir o filme do referido dia. o primeiro foi uma prova de amor: que conta a história de um rapaz que tem deficiência cognitiva e busca viver uma vida normal. Acontece que sua filha nasce e ainda na maternidade a mãe os abandonam (pai e filha). Sean Penn, nome do ator no filme, se ver sozinho e agora precisa cuidar de sua filha (Lucy) que recém-nascida necessita de cuidados especiais. Com o passar do tempo, Lucy cresce e as demandas escolares passam a ser o principal problema de seu pai (Sean Penn) que não as consegue mais acompanhar.

, a justiça interfere na criação da garota e a toma a guarda do seu pai, fazendo com que os dois sofressem muito com a decisão. Lucy vai para um local designado pela justiça para que seu desenvolvimento tanto físico quanto cognitivo seja garantido. Seu pai, busca ajuda de uma advogada para reconquistar a guarda de sua filha, e para isso é necessário provar diante do tribunal que suas capacidades cognitivas são suficientes para tal feito. Com muita dedicação e esforço, ele consegue a guarda da garota e supera todos esses obstáculos.

segundo filme exibido foi “Meu nome é rádio” que conta a história de um garoto que também sofre de problemas cognitivos. Neste caso, Rádio – interpretado por Cuba Gooding Jr, é um jovem apaixonado pelo futebol americano. Harold Jones

(Ed Harris) é um treinador de futebol americano de uma determinada escola na Carolina do sul- EUA. Todos os dias, Rádio passa pelo campo onde acontecem os treinos e percebido pelos jogadores, passa a sofrer preconceito pelos mesmos. Jones, o treinador, sabendo desses acontecimentos passa a punir alguns dos atletas como forma de amenizar a situação. Além disso, Jones convida Rádio para participar da equipe como forma de superação do mesmo. Rádio então, os ajudam de várias formas: arrumando uniformes, materiais de treino e etc.

Pouco tempo depois, a mãe de Rádio falece e isso faz com que o treinador Jones, movido de compaixão o convidasse para morar junto com ele. A partir desse dia, a relação do garoto com o treinador já não é somente de amigos, mas sim de pai e filho. Os dois são envolvidos por um amor capaz de superar barreiras de preconceito, de ódio e isso os tornam uma dupla implacável tanto dentro quanto fora dos campos. Ambos foram vitoriosos na vida, dentro dos campos e tanto que ganharam o título da temporada. Jones recebe propostas para assumir clubes profissionais e Rádio sempre o acompanhando.

Ambos os filmes tratam de pessoas de possuem deficiência cognitiva e instigam aos que assistem a pensarem de um novo jeito, não somente pelo viés do impossível mas sim pelo possível, sim, essas pessoas são capazes e existem vários exemplos em nossa sociedade, a ideia é provocar um impacto por que só através de um choque de realidade é que pensamos em outras alternativas. Por isso que após o término do filme foi dado aos alunos o mesmo questionário, com as mesmas perguntas, provocando de fato um novo pensar em relação ao que foi abordado pelo cinema como diz Larruscain e Oliveira (2011). É importante então que o educador agregue o recurso à sua aula, pois assim como o cinema é interessante na veiculação da temática que os chamam atenção é também uma forma de proporcionar uma visão de um tema em pauta, que pode ser considerado também de forma interdisciplinar.

Essa estratégia foi utilizada justamente para extrair um pensamento crítico a respeito do tema em relação aos alunos, compreendo que os resultados foram positivos e isso retrata bem como todo o processo foi de fundamental importância e contribuição para o enriquecimento de conhecimento para o referido tema.

2 CORPO: SOBRE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E CINEMA EDUCAÇÃO

2.1 INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Ao refletirmos sobre a inclusão social das pessoas com deficiência nas diversas áreas de atividade humana na atualidade percebemos uma grande evolução, principalmente em relação aos direitos básicos que visam garantir a igualdade de oportunidades da população, independentemente de suas diferenças individuais, respeitando assim, a diversidade humana. Nesse caso, dando condições de uma vida digna para todos. Levando em consideração que há muito a ser construído, reconstruído e inovado aos poucos os avanços estão ocorrendo, como diz Sassaki (2005, p. 20) “o mundo caminha para a construção de uma sociedade cada vez mais inclusiva”, o essencial é que a semente já foi plantada devemos cuidar para ela se desenvolver e que durante seu crescimento possa amadurecer se tornando consistente, trazendo como produto final bons frutos, isto é, a inclusão já está inserida no seio social onde várias pessoas aderentes desse movimento estão em busca de fazê-la crescer e a cada dia se tornar mais sólida através de colocar em prática o que está escrito nas leis, decretos, normas para então conquistar a tão sonhada inclusão plena onde viveremos em uma sociedade totalmente inclusiva.

A cada momento histórico as deficiências foram entendidas de diferentes maneiras, gerando diversos conceitos, atitudes e preocupações que a princípio eram negativas (referente a questões ligadas ao extermínio das pessoas com deficiência que eram vistas como um “problema” para a sociedade), mas com o passar do tempo foi se transformando para um teor positivo (como inserir esses indivíduos no meio social).

Durante muitos séculos permaneceu a compreensão que as deficiências estavam associadas aos aspectos religiosos, sendo assim, os povos das civilizações antigas acreditavam que ao nascer uma criança com deficiência o “mal” poderia se propagar, isto é, os corpos desses recém-nascidos estavam possuídos por algum

espírito maligno, já outras as consideravam como inúteis e incapazes. Nesse período se iniciou as exterminações através de perseguições, matanças e horrores com os bebês com deficiência.

Dentro desse contexto histórico alguns paradigmas foram criados em consonância com o surgimento de ideologias e das organizações sociais que iriam impactar na relação entre sociedade e as pessoas com deficiência. O primeiro paradigma formal adotado pela sociedade com esse fim foi denominado “*paradigma da institucionalização*”, esse por sua vez, foi caracterizado pela criação de instituições como, por exemplo, asilos e hospitais para abrigar e acolher as pessoas com deficiência. Este se manteve permanente como forma única no sistema por 500 anos. Contudo esses espaços reservados eram vistos como ambientes segregados, denominados Instituições Totais”. Então se desenvolveu ao longo deste paradigma o atendimento segregado que propiciava o afastamento das pessoas com deficiência do meio social como se fosse um confinamento ou prisões, onde o convívio era somente com indivíduos que possuíam as mesmas características.

O declínio desse modelo de paradigma ocorreu no século XX, este “provinha de diferentes direções e eram motivados pelos mais diversos interesses, entre eles o do sistema, ao qual custava cada vez mais manter a população institucionalizada na improdutividade e na condição crônica de segregação. Também por parte deste houve o fracasso na busca de reabilitar esse grupo de indivíduos para conviver na sociedade. Por causa desses motivos surgiu o *paradigma da integração*, o qual se baseava na intencionalidade de integrar as pessoas com deficiência no convívio social, assim derrubando a prática da exclusão social que prevalecia há vários séculos, mas para isso as pessoas com deficiência precisavam se adequar aos padrões sociais já existentes.

A integração se sustentava no modelo médico da deficiência, o qual compreendia que “o problema está na pessoa com deficiência e, por esta razão, ela precisa ser “corrigida” (melhorada, curada etc.) a fim de poder fazer parte da sociedade (SASSAKI, 2005, p. 20)”. Em outras palavras, isto significa que a sociedade não precisava modificar suas estruturas e atitudes, pois o problema estava contido exclusivamente nas pessoas com deficiência, nesse caso, elas precisavam ser tratadas, curadas, reabilitadas, para poder se adequar aos sistemas

sociais. Desse modo, esse grupo de pessoas deveriam estar capacitadas e aptas para utilizar os diversos âmbitos sociais sem adaptações.

Não podemos negar que o paradigma da integração social trouxe avanços, princípios, conhecimentos e experiências em relação à participação das pessoas com deficiência no seio social. Contudo, este não satisfaz mais o entendimento adquirido há pouco tempo com relação ao modo de como deve ser uma sociedade ideal para todos. Então esses elementos lentamente abriram caminho para o paradigma da inclusão surgir. Segundo Sasaki (1997, p.33)

Diante das novas fronteiras conquistadas e das experiências acumuladas, uma boa parte da comunidade acadêmica, algumas instituições sociais e organizações vanguardistas de pessoas com deficiência começaram – por volta do final dos anos 80s e início da década de 90 - a perceber e a disseminar o fato de que a tradicional prática da integração social não só era insuficiente para acabar com a discriminação que havia contra este segmento populacional, mas também era muito pouco para propiciar a verdadeira participação plena com igualdade de oportunidades.

Esses problemas contidos no paradigma da integração acabaram propiciando o surgimento do movimento da inclusão social, o qual começou a se estabelecer aos poucos primeiramente nos países mais desenvolvidos na metade dos anos 80, já na década de 90 tomou impulso também nos países desenvolvidos “e está se desenvolvendo fortemente nos primeiros 10 anos do século 21 envolvendo todos os países (SASSAKI, 1997, p. 17)”. O intuito deste movimento é construir uma sociedade que seja realmente para todas as pessoas independente de suas diferenças individuais e de suas condições, dando suporte na realização de seus direitos e nos suprimentos das suas necessidades.

O *paradigma da inclusão* se baseia no “modelo social da deficiência” onde para inserir todos no âmbito social é necessário que a sociedade seja modificada a partir da compreensão que o problema está nela e não em seus membros, por isso deve se adequar para atender as necessidades de todos os cidadãos, principalmente para as pessoas com deficiência. Por meio deste modelo

percebemos que a estrutura social cria situações desagradáveis, impedimentos, desvantagens, incapacidades gerando transtornos para as pessoas com deficiência possuir uma vida digna com equiparação de oportunidades juntamente no convívio com o outro.

De acordo com Sasaki (1997, p. 39) a inclusão pode ser compreendida:

Como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetiva a equiparação de oportunidades para todos.

O autor demonstrar em seu escrito que a inclusão não é um processo restrito apenas a inserção de pessoas com deficiência, mas também de outros grupos que estão vulneráveis a discriminação e a exclusão social como, por exemplo, pessoas com o nível de aquisição financeira baixa, povos de outras culturas como os “indígenas”, indivíduos com sobrepeso ou obesos, negros, entre outros. Nesse caso, esta deve ser compreendida como um processo amplo que abrange a sociedade como um todo, isso significa dizer que tanto os sistemas sociais como a população deve sintonizar uma parceria para que aos poucos seja alcançada a inclusão social plena.

O paradigma da inclusão se sustenta em alguns pontos que são imprescindíveis para sua consolidação efetiva, porém para isso ocorrer estes necessitam ser amplificados e disseminados no meio social como forma de quebrar estigmas que norteiam os sistemas, estruturas, modelos que regem a sociedade, inclusive o pensamento da maioria da população. São eles: conceito de igualdade X conceito de respeito ao diferente; celebração das diferenças; Valorização da diversidade humana; Convívio com as diferenças.

Nesse sentido, somos mediados historicamente pelo princípio de igualdade que “*somos todos iguais*” propiciando a compreensão que o estranho é ser diferente. Quando a sociedade estabelece um padrão em seus sistemas para atender as

necessidades de um tipo de homem reforça essa ideia. Entretanto, não podemos negar essa igualdade, pois ela é essencial na constituição das relações humanas, principalmente referente aos aspectos legais, porém ela deve ser entendida a partir de outro prisma, o qual nos mostra claramente que o normal é ser diferente. De acordo com Santos *apud* Zoboli, Silva e Santos (2012, p.47) “temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza”. Ou seja, somos iguais no que tange questões de direitos, oportunidades, mas diferentes quando essa igualdade sucede a perda de identidade e individualidade.

A dimensão da diferença está intrinsecamente ligada a valores sociais determinados e legitimados historicamente por isso esse fator transcende a questão da pessoa com deficiência, pois parte de uma estrutura maior que promove as relações de poder, estas por sua vez, fazem com que as diferenças se constituam em cima do critério de hierarquização da condição humana. Gerando assim, diversos preconceitos, discriminações e estigmas. Essa questão pode ser verificada claramente na seguinte passagem:

[...] quando a partir das diferenças estabelecemos relações de poder já iniciamos um processo de diferenciação que traz como pano de fundo signos de dominação e opressão. A mulher sempre foi vista, no seu devir histórico, como um ser inferior ao homem, ou seja, estabeleceu-se sobre elas relações de poder e de dominação. Homem e mulher são diferentes nas suas particularidades e caracterizações, no entanto essa diferença precisa ser respeitada e não hierarquizada. Todas as relações de (in) exclusão, podem ser vistas como um aspecto que estruturam as relações de poder na medida em que atribuem valores as diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior (ZOBOLI, SILVA E SANTOS, 2012, p.49).

2.2 CORPO E CINEMA EDUCAÇÃO

O corpo é central no contexto das mais variadas ciências e campos epistemológicos, pois o existir humano se dá através do corpo – o corpo é o meio pelo qual nos utilizamos para experimentar o mundo, para existir no mundo. O ser humano é presença no tempo e no espaço como corpo/ desde o corpo/ através do corpo/ sendo corpo. Somente existimos pelo e com o corpo, pelo e com o corpo o humano estabelece suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo/natureza. “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (LE BRETON, 2009, pág. 39).

“Em sua espacialidade própria, descontínua, o corpo disponibiliza desde componentes físico-químicos a signos que definem a condição humana e as possibilidades de comunicação, que tem conformado o interesse de diversas disciplinas [...]” (NÓBREGA, 2006 p. 65). Pelo corpo trazer em si um campo de saberes multi-referenciais, faz-se necessário a costura de saberes advindos de várias áreas. O conceito de corpo é interdisciplinar e essa perspectiva de conhecimento analisa o corpo a partir de um conjunto de disciplinas perpassando o mesmo entre, através e além das mesmas. Mais do que um conhecimento integrado, a interdisciplinaridade nos remete a pensar o corpo de forma complexa. Porém, ao estabelecermos essas redes de conexões entre as várias áreas que tratam do corpo se faz necessário tomar cuidado, pois:

Os conceitos não podem, sem perda ou risco de incoerência ou de colagem, passar de uma disciplina para a outra sem o tratamento apropriado. Os procedimentos de análise não são os mesmos conforme as disciplinas, nem os métodos para a coleta de dados. Sem controle rigoroso, a análise pode parecer uma colcha de retalhos, uma colagem teórica que perde a pertinência epistemológica (LE BRETON, p. 37, 2009).

Nesse sentido, a presente monografia dialoga com algumas disciplinas do Ensino Médio: Filosofia, Educação Física, História, Biologia e Sociologia. Os temas transversais também não ficaram de fora: ética, saúde, orientação sexual, meio

ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo. Neste sentido, buscamos apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, na medida em que dialogamos com as “linguagens, códigos e suas tecnologias”, com as “ciências humanas e suas tecnologias”, bem como com as “ciências naturais e suas tecnologias”. Nesse sentido, entendemos que o cinema é tecnologia adequada para o ensino contemporâneo, pois os mesmos sinalizam que: “As propostas de mudanças qualitativas para o ensino-aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar [...], cooperar [...] (PCN, 2000, p. 05).

O cinema é uma das principais formas contemporâneas de levar os estudantes à participação no mundo social, do exercício dos direitos e da cidadania no campo da cultura, da arte, da ciência e da economia. Conforme os PCN (2000, p. 05): “A linguagem tem sido objeto de estudo da filosofia, psicologia, sociologia, epistemologia, história, semiótica, linguística, antropologia etc. A linguagem pela sua natureza é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo”. Reconhecemos as especificidades da mídia cinematográfica, adotando uma abordagem interdisciplinar de apresentar o corpo através do cinema para uma posterior discussão e análise com o intuito de se pensar como as produções cinematográficas contemporâneas estão significando algumas temáticas que giram em torno da problemática do corpo e suas manifestações identitárias, ético-morais e políticas no sentido de projetar práticas sociais.

Duarte (2002), baseada em Bourdieu, menciona que:

A experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, essa “competência” não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas – o que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia – é o que lhes permite desenvolver maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema (DUARTE, 2002, p. 13)

Na menção de Dantas Junior (2013, p. 67) “o cinema é uma atividade educativa por excelência. Sua capacidade narrativa se transmuta em uma didática inebriante para formar percepções do mundo”. Sobre isso o autor ainda amplia o debate mencionando uma possível articulação entre o cinema e o olhar social para as diferenças no campo da alteridade social.

Entendo que uma educação por meio da arte pode proporcionar o desenvolvimento do ato de julgar pelo estímulo aos novos olhares acerca da vida e da realidade. A arte pode e deve ampliar a diversidade cultural, posto que a redução da percepção do outro limita meus horizontes de contato e alimenta práticas e ideias intolerantes, assim como a redução da capacidade de pensar está diretamente vinculada à redução da capacidade de sentir (DANTAS JUNIOR, 2012, p. 77)

São os recursos utilizados pelos cineastas que de algum modo interferem na maneira como apreendemos e interpretamos os mais variados filmes que nos são apresentados de maneira articulada aos contextos sociais cotidianos, sendo o cinema um dos elementos desse contexto que o reflete. Nesse sentido, Barbosa e Cunha (2006) afirmam:

As linguagens audiovisuais definem formas específicas de apreensão do mundo e proporcionam estilos cognitivos e modos de compreensão e interpretação próprios. Elas oferecem alternativas para a construção de modos de ver, elaborar e construir conhecimentos (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 53).

A estrutura simbólica da comunicação visual constitui sistemas de sentidos e significados. O filme/cinema como ferramenta pedagógica permite o contato reflexivo com os códigos e símbolos que estão em uso na sociedade, bem como oferece outros signos, com o intuito de artisticamente ressignificar as convenções padronizadas ou mesmo para padronizar novas representações, quando a serviço da Indústria Cultural. “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de

vista de formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 17).

Em termos de uma formação para exercícios cognitivos de reflexão intelectual, o cinema foi edificado e edificou uma prática compreendida pelas operações de análise. As análises dos críticos de cinema ficaram famosas na Europa e no Brasil na forma textual dos “críticos de cinema”. As críticas cinematográficas sempre buscaram realizar análises das obras em sua dimensão estética, bem como em suas dimensões social, cultural, política e econômica; também chamada de análise de contexto ou de conjuntura sócio-histórica (AUMONT et al., 2009, p. 11-12). De um modo ou de outro, um dos objetivos da análise cinematográfica: “[...] é apreciar melhor a obra e compreende-la melhor” (AUMONT et al., 2009, p. 11).

A este respeito Barbosa e Cunha (2006) afirmam que “[...] as imagens fílmicas, tal como mitos, rituais, vivências e experiências, condensam sentidos e dramatizam situações do cotidiano, descortinando a vida social e seus contextos de significação” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 58). Sabendo que os aspectos do agir social estão presentes também nas imagens fílmicas, de instigar a uma investigação ainda mais acurada por parte do analista, das relações que se constroem e os significados constituídos a partir de determinada imagem fílmica. Vanoye et al. (1994), em seu “Ensaio sobre a análise fílmica”, explica que a abordagem analítica sobre um filme ou fragmento dele, pode ser comparada com um processo químico:

[...] é antes de mais nada decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’ uma vez que o filme é tomado pela totalidade (VANOYE, 1994, p. 14).

Para Gardies (2008,), na contemporaneidade, os filmes continuam sendo particularmente preciosos para a análise de questões que envolvem as identidades culturais. Neste sentido, trazer o corpo como cerne de discussão através dos filmes é pensar nas possibilidades de suas articulações políticas numa sociedade que esta constantemente a inscrever no corpo os seus mais variados enredos; sendo o

ambiente escolar um contexto privilegiado. Para Barbosa e Cunha (2006, p. 53), as análises “[...] podem ser utilizadas como meio de acesso a formas de compreensão e interpretação das visões de mundo dos sujeitos e das teias culturais em que eles estão inseridos.” Deste modo é possível identificar o campo mais abrangente em que a pesquisa se assenta, tendo em vista a análise fílmica que por sua vez, considera as imagens e discursos produzidos no âmbito de uma cultura.

Assim, podemos compreender também que a análise fílmica é uma possibilidade de diálogo com as regras e códigos de uma determinada cultura, a exemplo da chamada cultura escolar e suas interfaces e conflitos com o corpo deficiente. Neste caso em particular, o corpo atravessado pelos signos da cultura, levando ao entendimento que a partir da análise fílmica é possível construirmos um conjunto de códigos e significações que fundamentados em nossa experiência visual são naturalizados, dando de maneira particular a cada indivíduo uma forma ou mais de apreensão e compreensão. Trabalhar com filmes exige saber que se está trabalhando com a representação de um imaginário cotidianamente recriado e em movimento (BARBOSA; CUNHA, 2006)

Em suma, a análise fílmica é um conjunto de operações que envolvem processos complexos de apreensão. Através da desconstrução e reconstrução de um filme que descobrimos os seus princípios e fundamentos, reconhecendo sistematicamente o que aparece na tela, através de uma descrição minuciosa e uma interpretação pessoal das informações concedidas. Nesse sentido, a análise fílmica ou análise de um filme não consiste em tarefa simples e fácil; aspecto que implica diretamente nos desafios em se trabalhar o cinema na escola a fim de dialogar com a formação da consciência crítica dos estudantes acerca de suas realidades sociais, econômicas, culturais e políticas.

Isso se agrava quando entendemos que o pensamento analítico, em especial o acadêmico, não ser algo habitual e comum quando tratamos da espectralidade; que tende a explorar ou contar com a fenomenologia ou o senso comum dos espectadores. Submetido a pensamento analítico e crítico, a experiência com obra cinematográfica se expande para além de uma “experiência primeira” ou ingênua não reflexiva mais interessante para os fluxos emocionais ou emotivos que para os de cunho cognitivos e racionais. Conforme Vanoye et al. (1994, p. 12): “Analisar um


filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, *examiná-lo tecnicamente*. Trata-se de outra atitude com relação ao objeto-filme [...].”

Nessa tarefa “[...] trabalha o analista, recolocando em questão suas primeiras percepções e impressões, conduzindo-o a reconsiderar suas hipóteses ou suas opções para consolidá-las ou invalidá-las” (VANOYE et al., 1994, p. 13).

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.1 SOBRE OS FILMES

Como apresentado na metodologia foi exibido dois filmes junto a escola onde coletamos os dados empíricos junto a alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O quadro abaixo apresenta os filmes exibidos:

	Título	Uma lição de amor
	Título Original	Uma lição de amor
	Ano de Produção	2001
	Lançamento	15 de março de 2002
	Dirigido por	Jessie Nelson
	Gênero	Drama
	Indicação etária	14 aos
	Nacionalidade	EUA
	Tempo	2h 7 min
	<p>Sinopse: O filme conta a história de um pai (Sam Dawson) solteiro e com capacidade cognitiva de uma criança, e que passa a cuidar de sua filha (Lucy) após ser abandonados ainda na maternidade. Após Lucy completar sete</p>	

anos, Sam, passou a ser questionado sobre sua capacidade de criar a garota sendo que ela já teria uma condição intelectual maior que a dele. Essa problemática os levam a serem separados pela justiça. A garota fica sob observação das autoridades e continua sua vida normalmente, mas sem a criação de seu pai até então. Já Sam, na tentativa de reconquistar a guarda de sua filha, busca ajuda de uma advogada e de amigos para tal objetivo. É exigido dele uma série de condições para que o mesmo prove perante a justiça que possui capacidade de continuar cuidado de sua filha e para isso ela busca atingir e superar todas elas.

	Título	Meu nome é Rádio
	Título Original	Meu nome é Rádio
	Ano de Produção	2003
	Lançamento	24/10/ 2003
	Dirigido por	Michael Tollin
	Gênero	Drama
	Indicação etária	12 anos
	Nacionalidade	EUA
	Tempo	1h 49 min
<p>Sinopse: Rádio (Cuba Gooding jr) é um jovem que possui uma deficiência cognitiva mas é apaixonado pelo futebol americano. Todo os dias ele perambulava pela escola secundária T.L Hanna, Carolina do sul, para observar o treino de futebol da equipe da escola. Após Rádio ser vítima de uma péssima brincadeira de seus alunos por conta da deficiência, Jones (Ed Harris) treinador e professor da</p>		

equipe, toma a decisão de torna-lo mais próximo de todos, inclusive o auxiliando durante os treinos. Jones é um cara muito ocupado e passa pouco tempo com sua família e Rádio perde sua mãe vítima de um mal súbito e isso faz com que o treinador o convide para fazer parte de sua família.

3.2 AS VOZES DOS ALUNOS: SOBRE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E CINEMA

Como descrito na sessão de metodologia deste trabalho, aplicamos um questionário para os alunos antes da exibição dos filmes e outro após a exibição dos filmes.

3.2.1 Do questionário

O questionário foi fundamental para a extração de dados e consequentemente para as respostas das determinadas perguntas que culminariam para o objetivo desta pesquisa. Diante disso, elenco aqui as determinadas perguntas e suas funções.

Pergunta número um: Na sua comunidade ou até mesmo na escola, você conhece ou convive com alguém que possui algum tipo de deficiência? Se sim, qual tipo?

Inicialmente foi necessário esse tipo de pergunta para que eu pudesse perceber e fazer um levantamento no seguinte sentido: qual a realidade desses jovens na sociedade e ou na escola em que eles vivem, ou qual o grau de conhecimento que esses alunos possuem diante do tema deficiência? E para ser mais específico ainda, a mesma pergunta exigiu um detalhe mais técnico de conhecimento dos mesmos para discernir qual o tipo de deficiência (quando se pergunta o tipo de deficiência de alguém que seja conhecido do aluno) ou seja, se

eles são capazes de diferenciar os tipos de deficiências existentes, mostrando assim se há um conhecimento relevante sobre o assunto.

Acredito que esta foi uma pergunta para conhecimento de causa, isto é: compreender com que grupo e com que realidade estamos trabalhando. Para que se faça uma pesquisa relevante, é necessário conhecermos o contexto social de onde estamos buscando respostas e isso contribui para um levantamento mais técnico da realidade daquela comunidade.

Diante disto, apresento a segunda pergunta: O que você pensa a respeito de pessoas com deficiências? Para você, elas têm condições de conviver em sociedade de forma igualitária como todas as outras pessoas? Por que?

Percebemos aqui que a pergunta exigiu mesmo que ainda de modo bem superficial, um juízo de valor dos mesmos a respeito do que eles pensavam sobre pessoas com deficiência.

Ainda na mesma pergunta, são instigados a falar o que pensam dos deficientes em relação aos demais indivíduos da sociedade.

Acredito que este item é muito fundamental para entender o raciocínio advindo por parte dos alunos em relação à deficiência. Nota-se claramente que o mesmo quesito buscou extrair um significado ao qual eles puderam atribuir naquele momento sobre o referido tema. Conhecer como a turma pensa foi fundamental para definir os dados quando comparados na segunda parte.

A terceira e última pergunta trata-se do seguinte: Você acredita que o cinema pode ser uma ferramenta que em sala de aula contribui para refletirmos em determinados temas sociais, por exemplo: A deficiência? por que?

Esta pergunta está mais relacionada ao cinema e sua forma pedagógica de contribuir no processo de aprendizagem. Será que esta ferramenta contribui fundamental e proporcional para o aprendizado dos alunos? É isso que queríamos saber deles neste item. Para Duarte (2002, P. 3) ver filme, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas e sociológicas e tantas mais.

3.3.2 Da análise de dados

Como já antes descrito, a pesquisa foi feita com alunos do terceiro ano do ensino médio da escola estadual secretário de estado Francisco Rosa Santos. Contamos com a participação de 50 (cinquenta) estudantes e todos colaboraram com a pesquisa, ou seja, todos responderam os questionários e participaram das sessões.

Lembrando que aplicamos os questionários antes e depois das sessões no intuito de observar se o cinema contribuiu para uma concepção crítica dos alunos a respeito do devido tema “corpo deficiente”. Diante disso, estarei colocando os reais dados da pesquisa no primeiro momento que foi definido como antes da sessão fílmica:

Pergunta número 1: dos 50 alunos que foi perguntado se conviviam ou conheciam alguma pessoa com algum tipo de deficiência, pude constatar pelos relatos que: 100% dos alunos afirmaram que conhecem sim, algum tipo de pessoa que possui uma determinada deficiência, até por que na escola havia alguns alunos assim. Já no que se refere a conviver, apenas 12 % dos alunos afirmaram conviver de fato. Três alunos falaram que possuem parentes próximos com paralisia cerebral, outros dois relataram que um de seus pais teria respectivamente nanismo e amputação e o último relatou que seu tio era mudo.

Na escola foi relatado pelos alunos que teriam três alunos deficientes, um acometido de paralisia cerebral e os demais eles não souberam explicar exatamente o tipo da deficiência das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

(MRC, MACIEL, 2000,P. 51). Entendo aqui como um erro, uma vez que seria muito importante às pessoas conhecerem a respeito do deficiente e das deficiências. Principalmente nas escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva, constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a

eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

Pergunta número 2

Está pergunta exigiu muita análise e cautela para entender o que os alunos explicaram a respeito do que pensam. Assim relato: 1 - O que você pensa a respeito de pessoas com deficiências? Neste subitem, dos cinquenta alunos entrevistados, 92% acreditam que deficiência está ligada a uma condição de dependência, ou seja, é notável um sentimento de “coitadismo” de sensibilidade, segundo Moraes (2004, p.56) A impressão da realidade e a identificação do olho do espectador com a câmera ou com determinado personagem já provoca no receptor certos sentimentos e produz certas reflexões que informam uma releitura da realidade sob uma perspectiva determinada. Diante disto, faço um relato a partir dos filmes:

Sam, após ter perdido a guarda de sua filha, luta desesperadamente para reconquistá-la. Acontece que ele mesmo sofre muito com a deficiência e isso o atrapalha na tarefa árdua de se mostrar um indivíduo capacitado para criar sua própria filha. A justiça determinou que Sam deveria se mostrar capacitado para ter de volta a guarda de sua filha, para isso ele precisou trabalhar e assumir um papel de liderança no seu próprio emprego, mas as dificuldades foram imensas. Já Rádio, o filme trouxe também um problema familiar, sua mãe era separada (inclusive morava somente ele e a mãe) e em determinado momento de sua vida, ainda muito jovem, Rádio a perde. A partir desse momento, o garoto é convidado pelo treinador Jones para viver com a sua própria família e sendo assim, o ajudando nas tarefas diárias dos treinos de futebol da escola. Rádio se destaca pelo bom empenho e por muito tempo é funcionário da mesma escola. Esses momentos dos respectivos filmes mostram problemas sociais que são pertinentes para com pessoas deficientes. Não somente nos filmes temos esses tipos de problemas, em nossa sociedade é bem comum também essa realidade.

Sendo assim, a partir das iniciativas internacionais e com objetivo de pôr em prática o discurso de inclusão social, o Brasil também começou a legislar sobre acessibilidade dos deficientes no

mercado de trabalho, de acordo com os paradigmas internacionais, que além do Estatuto da Pessoa com Deficiência, estabelece na Lei nº 8.213 de 1991, conhecida como a Lei de Cotas, que trata de políticas públicas de qualificação da pessoa com deficiência, entre outras legislações (Gonçalves e Garcia 2018,p.6).

Quatro por cento (4%) acreditam que pessoa com deficiência tem uma relação com a religião. E os outros 4% disseram que são pessoas normais que apenas necessitam de cuidados especiais.

2- Eles podem conviver em sociedade sendo respeitados da mesma forma que as demais pessoas? Neste subitem, 84% dos alunos disseram que não acreditam que deficientes são respeitados como deveriam ser. 6% não souberam dar uma explicação e 10% disseram que sim, desde que tenham políticas públicas que facilitem a vida dos mesmos. É importante lembrar que estamos tratando de respeito a diferença no sentido de dignidade social.

Para refletirmos sobre o que foi falado acima, trago o caput do artigo quinto da constituição de 88, a nossa constituição chamada de cidadã. O referido caput diz o seguinte: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.

A igualdade neste caput, traz consigo uma teoria, a teoria da igualdade que por sua vez no relata o seguinte: pressupõe que as pessoas colocadas em situações diferentes sejam tratadas de forma desigual: “Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades”. (NERY JUNIOR, 1999, p. 42). Assim, essa teoria corrobora a partir da ideia de Luiz Alberto David Araujo (2003, p.46) direito à igualdade emerge como “regra de equilíbrio dos direitos das pessoas portadoras de deficiência”. Portanto, a lei garante que o respeito seja dado sem qualquer distinção, inclusive a deficiência.

Pergunta número 3:

Você acredita que o cinema pode ser uma ferramenta que em sala de aula contribui para refletirmos em determinados temas sociais, por exemplo: A deficiência? por que?

Nesta pergunta procuramos entender a partir daqueles jovens, qual o tipo de entendimento a respeito do cinema sob uma perspectiva pedagógica, ou seja, um cinema voltado para a educação. Destarte, detelho os seguintes dados das respectivas respostas: Setenta por cento (70%) dos alunos entendem cinema como uma atividade recreativa, animada, de entretenimento. E realmente, o cinema também possui essa característica que foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos ” O cinema foi aos poucos evoluindo e com ele a animação, ao ponto de alguns apostarem que o futuro da animação fosse ser na Educação, onde ela poderia ser mais útil e difundida “ (Silva 2007, p. 22). Ou seja, os filmes só serviriam para aliviar do fardo pesado da carga horária das demais disciplinas. Vinte por cento (20%) afirmaram que o cinema é sim, uma boa ferramenta e que ajudaria muito para uma educação melhor. Dez por cento (10%) dos alunos não deram uma justificativa nesse item.

Diante desse apanhado a partir dos dados das respostas obtidas através dos questionários respondidos pelos estudantes no primeiro momento, podemos compreender a forma inicial, ou melhor: a concepção crítica adquirida, de bagagem, ou ainda o acúmulo de conhecimento de cada, incorporado ao longo da vida até o presente momento, a respeito daquilo que queríamos ou tínhamos como objetivo da pesquisa.

Após esse primeiro momento, iniciamos com a sessão fílmica. Sendo assim o segundo passo e logo ao término da mesma foi aplicar-mos o mesmo questionário. A idéia de aplicar o mesmo questionário é justamente uma possibilidade de confrontar o antes e o depois das respostas. Aplicar a mesma ideia iria nos possibilitar a realidade daquilo que a pesquisa buscava: Se o cinema é capaz de influenciar jovens (e até mesmo adultos, velhos etc.) a partir de temas que norteiam a nossa sociedade que neste caso era o corpo deficiente.

Portanto, ao aplicarmos novamente os questionários, na primeira pergunta, obtivemos as mesmas respostas, ou seja, a mesma serviu para levantamento de dados e mapeamento da turma, afinal, é uma pergunta que não tem a ver com a estética que o filme proporciona a quem o vê.

Na segunda questão, há uma maior criteriosidade no que se refere a confrontar os dados da primeira com a segunda avaliação, isso por que essa pergunta é a chave fundamental para a pesquisa. Detalhadamente identifiquei os itens obtidos aqui:

1- O que você pensa a respeito de pessoas com deficiências? Incríveis 98% (noventa e quatro por cento) disseram que a deficiência é uma condição que pode ser superada, basta que tanto o indivíduo como o poder público, unam forças para que isso seja possível. Dois por cento (2%) ligaram a deficiência como uma condição religiosa, mas que pode ser superada pelo indivíduo a depender de algumas condições. A bíblia traz consigo alguns relatos referente a deficiência e citarei alguns deles: em 1 Coríntios 15:53 diz que a deficiência tem um caráter temporário, quando o apóstolo Paulo relata “Porque é necessário que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. Esse caráter temporário é reforçado quando lá em Isaías na altura do capítulo 35: 5-6 está escrito “Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se desimpedirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria; porque águas arrebentarão no deserto e rios no ermo.

Por último, trago a passagem que foi relatada nos quatro evangelhos, mais precisamente no livro de João a partir do capítulo nove da seguinte forma: Jesus ao ver um cego de nascença foi indagado por seus discípulos quem teria pecado, o próprio cego ou seus pais para que tivesse nascido daquela forma. Respondeu Jesus: Nem um e nem outro, mas para que a fosse manifestada nele a obra de Deus. Ou seja, partindo do princípio bíblico daqueles jovens, a condição de deficiência ligada a religião está descartada a não que seja manifestada, em algum dia de sua vida, a obra de Deus a vida desses deficientes. Talvez, essas sejam as maiores concepções daqueles jovens a respeito de suas convicções religiosas.

No seguinte subitem, temos a seguinte indagação: 2 - Eles podem conviver em sociedade sendo respeitados da mesma forma que as demais pessoas?

Aqui, 88% dos alunos disseram que sim, deficientes podem ser respeitados e devem ser, na medida em que a convivência em sociedade com os demais indivíduos sejam paltadas em políticas públicas, como por exemplo: A lei de cotas que foi citada acima. Neste caso, foram feitas diversas críticas aos órgãos públicos pela falta ou pelo pouco que foi feito a respeito de políticas sociais voltadas para a pessoa com deficiência. 8% (oito por cento) afirmaram que mesmo podendo superar os obstáculos, há deficiências que não são respeitados na devida medida. Quatro por cento (4%) não opinaram.

No último quesito, que foi uma pergunta voltada especificamente para o cinema, obtivemos os seguintes dados: 96% (noventa e seis por cento) disseram que o cinema é sim uma boa estratégia para tratar de temas e assuntos voltados para a formação dos indivíduos. 4% não opinaram ou deram qualquer justificativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo deste estudo que foi compreender o cinema e se esse é capaz de influenciar os jovens no meio escolar a partir de determinado tema social que aqui utilizamos à inclusão do corpo deficiente. Ou seja, qual a sua contribuição na formação do jovem escolar, qual a possibilidade de isso acontecer. E foi assim que mantivemos nossa pesquisa, buscando associar e relacionando cada instrumento em prol de uma resposta concreta, e assim chegamos. Contamos sim, com o forte apoio dos colaboradores que compõem aquela escola e isso foi muito gratificante. Se não fossem os bons profissionais ainda, a escola com certeza já teria perdido muito mais a sua força e seu papel na sociedade.

A partir de meu estudo acredito que posso sugerir outras pesquisas que oportunizem a maior ampliação das questões ligadas ao cinema e sua instrumentalização ou o seu significado no papel pedagógica da escola, e o cinema foi um desses meios pelos quais buscamos trabalhar junto à instituição. É inegável o

papel do cinema na contribuição pedagógica tanto na sociedade como na escola. O cinema educacional é capaz de romper barreiras da ignorância e quebrar paredes do preconceito, pode também levar o indivíduo a se descobrir e ser crítico. Foi pensando nesse papel tão importante do cinema que o escolhemos para tal relação.

Nesta pesquisa percebemos que o cinema dentro da escola é uma ferramenta muito eficaz no processo educativo, e que corrobora muito para o desenvolvimento crítico de jovens escolares. Para embasar tal argumento, utilizamos o capítulo três desta pesquisa que relata quais os caminhos e estratégias que foram utilizados para chegarmos a tal resposta. O cinema pode sim, levar independência crítica ao jovem, basta relaciona-lo com determinado tema ao qual queremos que esses jovens tenham contato, em nosso caso foi à inclusão do corpo deficiente.

A dificuldade deste estudo foi principalmente em estar presente na pesquisa e com as condições físicas e estruturais da escola. O deslocamento e aparelhagem, para dar uma melhor qualidade cinematográfica para aqueles alunos, foi o que mais necessitamos e pouco tínhamos, ao ponto de improvisarmos com alguns itens. Em relação a literatura para a conclusão escrita desse trabalho, pudemos destacar que o acervo cultural já existente foi de excelente base para dar elementos significativos a esta pesquisa. Talvez, correlacionar os termos tenha sido o mais complicado, coisa que com mais esforço foi sendo superada.

A universidade se organiza a partir da tríade: ensino, pesquisa e extensão. No que tange ao ensino tive várias aulas das mais variadas disciplinas que me oportunizaram saber sobre os referidos temas desta pesquisa. É importante destacar que a busca por determinados autores se tornou mais fácil justamente por estas disciplinas nos darem uma base técnica muito significativa.

A extensão se deu a partir de estágios e eventos onde tive a oportunidade de ingressar no universo do conhecimento, de conhecer experientes pessoas da área, as quais me auxiliaram nesse trajeto de graduação. Pude participar de um projeto de extensão (corpo e cinema no ensino médio) que logo determinamos qual seria o objetivo do projeto e isto de fundamental importância para a iniciação e conclusão dessa monografia.

A pesquisa se deu no momento da confecção da monografia, sendo assim quero dizer que o experimentar da pesquisa foi importante na minha formação pois, me fez entender mais sobre essa temática, a qual sempre tive curiosidade em

compreendê-la por ter vivenciados momentos semelhantes, e ter presenciado esse tipo de preconceito durante toda minha vida escolar e principalmente aos dezoito anos, que nasce minha irmã, diagnosticada com paralisia cerebral, me fazendo sentir na pele todos os dias o amor intenso e o preconceito absurdo por partes de determinadas pessoas em nossa sociedade.

Contudo, essa experiência me foi extremamente válida e significativa, durante esse tempo de planejamento e fabricação posso dizer que passei por um processo de construção. A universidade me proporcionou a incorporação de um conteúdo que a meu ver é intrigante, pois passei por algo semelhante e nunca me explicaram o motivo da rejeição e adjetivos para com a inclusão, e a instituição me ofereceu algumas respostas e o entendimento sobre o tema. E além das respostas a pesquisa também me fez pensar outras questões, me trouxe outras perguntas. A pesquisa me fez perceber que o ato de pesquisar é um movimento, você descobre coisas no mesmo momento em que outras questões surgem.

É pensando nesse movimento de não finitude, e ciente que jamais uma pesquisa terá seu fim, que coloco um “ponto final” nessa etapa de pesquisa monográfica que é um dos requisitos para me tornar licenciada em Educação Física.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, LUIZ ALBERTO. **Defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

AUMONT, J. et al. **A análise do filme**. Tradução de Marcelo Félix. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

BARBOSA, A; CUNHA, E. T. **Antropologia da imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. (Passo a Passo).

I CORINTIOS 15:53: In: **A bíblia do pregador**. Barueri, SP: sociedade bíblica do Brasil; Curitiba, PR: editora evangélica esperança, 2014.

DANTAS JUNIOR, H. S. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 67-78, set. 2012

DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GARDIES, R. (org.). **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

GONÇALVES E GARCIA. **A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. Revista pensar direito, 2018.

FONSECA, J. J S. **Metodologia da pesquisa científica**. UEC 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISAIAS 35: 5-6 : In : **A bíblia do pregador**. Barueri, SP: sociedade bíblica do Brasil; Curitiba, PR: editora evangélica esperança, 2014.

JOÃO 9: In: **A bíblia do pregador**. Barueri, SP: sociedade bíblica do Brasil; Curitiba, PR: editora evangélica esperança, 2014.

LARRUSCAIN, I. O. dos S.; OLIVEIRA, M. A. F. **Cinema como ferramenta de auxílio o processo ensino-aprendizagem**. UFSM, 2011.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3d. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MACIEL, MRC. **Portador de deficiência: a questão da inclusão social**. São Paulo em perspectiva: 2000.

MORAES, AMAURY CÉSAR. **A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa**. FE-USP 2004.

NERY JÚNIOR, Nélon. **Princípios do processo civil à luz da Constituição Federal**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

NÓBREGA. T. P. Corpo e Epistemologia. In NÓBREGA. T. P. (ORG.) **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, p. 59-74. 2006.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAL (ENSINO MÉDIO), Parte II Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2000.

PASSERINO, L. M.; MONTARDO, S. P. **Inclusão social via acessibilidade digital: Proposta de inclusão digital para pessoas com necessidades especiais**. www.compos.com.br/e-compos . UFRGS, p. 5-18. 2007.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**. Ano I, n. 1, p.19-23, out., 2005.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. – Rio de Janeiro: **WVA**, 1997. 180 p.

SILVA, ROSELI PEREIRA. **O CINEMA E A EDUCAÇÃO**. PUC-RIO, 2007.

VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica**/Francis Vanoye, Anne Goliot-Lété; tradução de Marina Appenzeller. - Campinas, SP: Papirus, 1994. – (Coleção Ofício de Arte e Forma).

ZOBOLI, F.; SILVA, R. I.; SANTOS, V. R. A formação inicial em Educação Física: um olhar a partir das exigências da cultura inclusiva. In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; ZOBOLI, F. **Educação Física e esportes: temas emergentes 5**. São Cristóvão: editora da UFS, p. 43-56, 2012.

APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de consentimento livre e esclarecimento	
.....	40
Apêndice 2: Questionário direcionado aos alunos do 3ºano do ensino médio da	
escola	
Francisco	
Rosa	
Santos.....	42
Apêndice 3: Fotos das sessões fílmicas realizadas na escola estadual secretário de	
estado Francisco Rosa Santos.....	44

Apêndice 1:

Termo de consentimento livre e esclarecimento



DECLARAÇÃO DE PARCERIA

Nós Fabio Zoboli (professor coordenador), Renato Izidoro da Silva e Hamilcar Dantas Júnior (professores colaboradores) do projeto de extensão “**Corpo e cinema no Ensino Médio: cena 2**” viemos por meio dessa formalizar a parceria junto ao Colégio Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa Santos na pessoa do Diretor Rubens Freire dos Anjos.

O Colégio Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa Santos da cidade de Aracaju/SE é parceiro do projeto de extensão supracitado abrindo as portas dessa entidade escolar para a projeção de filmes onde as questões ligadas ao corpo assumam centralidade no período de julho a dezembro de 2016.

Fabio Zoboli

Professor do Departamento de Educação Física da UFS

Rubens Freire dos Anjos

Diretor (a) do Colégio Estadual Francisco Rosa Santos

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 24 de julho de 2016

Apêndice 2:

Questionário direcionado aos alunos do 3º ano do ensino médio da

Escola Francisco Rosa Santos

QUESTIONÁRIO

- 1) Na sua comunidade ou até mesmo na escola, você conhece ou convive com alguém que possui algum tipo de deficiência? Se sim, qual tipo?

- 2) O que você pensa a respeito de pessoas com deficiências? Eles podem conviver em sociedade sendo respeitados da mesma forma que as demais pessoas? Por que?

- 3) Você acredita que o cinema pode ser uma ferramenta que em sala de aula contribui para refletirmos em determinados temas sociais, por exemplo: A deficiência? por que?

Apêndice 3:

Fotos das sessões fílmicas realizadas na escola estadual secretário de estado

Francisco Rosa Santos



Foto 1- tirada pelo acadêmico: Ítalo silva santos



Foto 2- tirada pelo acadêmico: Ítalo silva santos

